



**Imagem e mídia:
apresentação, contextos e relações**

Isaac Antonio Camargo

Imagem e mídia: apresentação, contextos e relações

Image and media:
presentation, context and correlations

Isaac Antonio Camargo*

Resumo: As imagens, independentemente dos suportes ou veículos em que se encontrem, devem ser tomadas, reconhecidas e entendidas como entidades autônomas, ou seja, como presenças significantes em si mesmas. Esta apresentação tem por meta estabelecer parâmetros e apontar caminhos e critérios que possam subsidiar diferentes tipos de análise a respeito das imagens veiculadas pela mídia, com o fim de verificar como elas significam ou produzem efeitos de sentido nesses ambientes de comunicação.

Palavras-chave: imagem, mídia; suporte; significação.

Abstract: Images, regardless of the display or vehicles through which they are conveyed, must be taken, recognized and understood as autonomous entities, that is, as meaningful presences on themselves. This presentation is aimed at establishing the guidelines and showing ways and criteria by which different kinds of analyses can be conducted regarding images as carried out by the media, to examine how they mean or produce sense effects in these communication environments.

Key words: image; media; support; meaning.

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Docente do Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

Apresentação

A linha de pesquisa *Imagem e mídia*, no curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico, da Universidade Estadual de Londrina, tem por objetivo identificar as características das imagens em uso nas mídias, mediante suas qualidades sensíveis, usos e funções. Objetiva também desenvolver meios para categorizar as imagens e os suportes pelos quais elas se manifestam. Outra proposta é investigar de que modo, ou sob quais estratégias, as imagens produzem significação. São tomadas, como referências, as relações e as articulações estabelecidas entre os elementos constitutivos das imagens e os suportes midiáticos nos quais elas residem, avaliando os resultados e as informações daí decorrentes.

Quanto à delimitação do campo de estudo, pode-se dizer, em termos gerais, que as imagens são os objetos de estudos no âmbito dessa linha de pesquisa. As imagens, enquanto tais, originam-se em três categorias distintas: as pictográficas, as fotográficas ou as digitais. Embora atualmente todas possam estar disponíveis em sistemas digitais, quer seja em rede, em suportes óticos ou magnéticos ou nos eletrônicos e virtuais, reporta-se, primeiramente, aos impressos bidimensionais, posto que as imagens, nesses suportes, atuam como registros, documentos ou mesmo como testemunhos de existência ou da ocorrência de diferentes eventos visuais.

A primeira destas categorias compreende as imagens produzidas manualmente, como o são os desenhos e as pinturas. Estas podem ser analisadas em seus suportes originais ou reproduzidas em seus sucedâneos artificiais, como as fotografias ou imagens digitais; a segunda compreende as imagens construídas óticamente por meio de aparelhos, como o são as fotografias, o cinema, e até mesmo o vídeo. Elas podem ser observadas tanto em seus suportes originais como nos papéis fotográficos, mídia jornalística, mídia editorial, películas cinematográficas ou mesmo nos aparelhos de televisão; as imagens da terceira categoria

são as realizadas em sistemas digitais, disponibilizadas ou acessadas nos diferentes meios e equipamentos usados para dar-lhes visibilidade e existência material ou virtual.

Mídia ou sistema midiático

Por mídia ou sistema midiático, a linha de pesquisa define os meios capazes de suportar e difundir as imagens e as informações por elas geradas, quer seja nos meios impressos, televisivos ou eletrônicos. Nesta linha, o foco de atuação recai, primeiramente, sobre a mídia impressa e, em segundo, nas mídias (digitais) de exposição eletrônica, quer existam em estações fixas ou em rede, independentemente de operarem ou não com o movimento.

As relações entre as imagens e os meios de difundi-las na sociedade têm origem na Antiguidade. Historicamente, essas relações existem desde a Pré-História, considerando que as pinturas rupestres utilizavam as rochas para residir, eram apreendidas e repassavam a informação nelas contidas por meio desses suportes. Pode-se dizer que esses suportes atuavam como uma espécie de mídia rudimentar. Nesse caso, seriam então as paredes das cavernas os primeiros meios ou suportes nos quais as imagens residiriam e seriam depois encontradas por diferentes e sucessivas civilizações, no cumprimento de seus desígnios informativos ou de suas funções sociais.

Normalmente, quando se fala em mídia evoca-se os *mass media* (meios de comunicação de massa) aos quais as teorias da informação se referem. Neste caso, não se refere apenas aos suportes primários em que as imagens foram criadas ou residem, mas aos sistemas secundários de difusão e de distribuição dessas imagens, cuja abrangência pode cobrir uma infinidade de pessoas que as traduzem de diferentes modos, em diferentes épocas. Assim, é necessário considerar que, além das categorias de imagens citadas, é preciso levar em conta os sistemas de reprodução e de difusão aos quais elas são submetidas e em que expandem suas funções e finalidades.

Para efeitos de delimitação, a linha de pesquisa toma como ponto de referência os sistemas mais recentes de reprodução das imagens, especialmente da imprensa de tipos móveis. A partir dessa delimitação temporal, pode-se dizer que um dos primeiros sistemas de reprodução é o das gravuras. As primeiras gravuras foram realizadas em madeira (xilografias), depois em metal e pedras (litografias). Mais tarde as imagens foram reproduzidas em gráfica, por meio da impressão em *off set* e, atualmente, também são reproduzidas em impressoras matriciais, a jato de tinta ou a laser, disponíveis no campo da informática, ou ainda nos sistemas digitais disponibilizados em rede de computadores – acessadas meio de seus monitores de vídeo.

Até hoje, o sistema de impressão em *off set* é um dos grandes difusores de imagens, sendo o responsável pela imensa quantidade de imagens distribuídas ao longo do tempo, só superado atualmente pelo advento das mídias eletrônicas em rede.

Com todos esses recursos, a quantidade imagens produzidas – e sua distribuição – é muito grande, o que requer recortes ou delimitação para definir o *corpus* de estudo. As imagens – individuais ou em grupos – contêm, na unidade ou na diversidade, um conjunto de propriedades capazes de orientar e sustentar uma investigação consistente.

O interesse que rege esta linha de pesquisa é a análise das informações contidas nas imagens suportadas em mídia, e o estudo de como elas significam, ou seja, como são produzidos os efeitos de sentido que delas decorrem. Em princípio, toda imagem informa: 1)- suas próprias características ou as qualidades que retém, requer ou ordena; 2)- as características ou qualidades daquilo que se propõe a mostrar, expressar, documentar ou informar.

Uma imagem não é isenta de significados, tampouco é inocente, ingênua ou neutra; ao contrário, é plena ou potencialmente impregnada de sentidos. As imagens, independente dos suportes ou veículos em que se encontrem, devem ser tomadas, reconhecidas e entendidas como entidades autônomas, ou seja, como presenças significantes em si mesmas. Devem ser também vistas como manifestações capazes de produzirem sentido,

independente de serem apoiadas em ditos verbais (como nas legendas), explicações ou descrições que aparecem nos suportes impressos ou digitais, como se fossem meras ilustrações desses textos.

Tampouco deve-se confiar na verossimilhança que certas imagens aparentam, já que muitas possuem propriedades especulativas determinantes da sua semelhança ou parecença com o mundo natural. A aparência figurativa de uma imagem é também uma estratégia de significação.

Para entender uma imagem é preciso admitir não ser a semelhança ou dessemelhança que conta, mas o que ela demonstra nas suas relações com o conhecido ou o desconhecido, como as relações entre os elementos e qualidades que as constituem enquanto imagem, ou como elas estabelecem os diálogos com os outros discursos com os quais convive, sejam eles verbais, gestuais ou diagramáticos, encontrados em suas relações com o contexto existencial e na própria mídia. É a somatória de todos esses fatores e relações que faz com que as imagens signifiquem – e não a pura e simples aparência que elas revelam.

Investigando imagens

Adotando, como ponto de partida, as muitas possibilidades investigativas que dizem respeito às imagens, vê-se que é possível tomá-las sob muitos – e diferentes – aspectos. Pode-se, a partir de suas qualidades e características visuais, pesquisá-las e estudá-las enquanto manifestações plásticas e expressivas; como manifestações simbólicas de natureza humana, ou ainda como registros sociais ou documentos históricos, na medida em que são ancoradas em ocorrências ou eventos oriundos do universo natural ou do meio cultural circundante.

No caso em pauta, pode-se partir de suas relações com as mídias nas quais são encontradas; ou, ainda, das relações entre os seus diferentes modos de existir ou das muitas categorias que ocupam ao

exercer diferentes funções na sociedade. É possível proceder infindáveis abordagens no estudo das imagens, mediante diferentes recortes, sem esgotar o potencial investigativo que delas emana. Portanto, é por meio do recorte ou da seleção empreendida sobre o universo de ocorrências midiáticas que se definirá o objeto e se constituirá o *corpus* com o qual ou sobre o a linha de pesquisa *Imagem e mídia* trabalha em busca de respostas para as também infindáveis indagações.

Definir o objeto de – e o recorte do – estudo, mais que um simples “primeiro passo”, passa a ser a linha norteadora de conduta para a produção e desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Independente de trabalhar – ou não – com imagens, deve-se respeitar certos encaminhamentos e atitudes que definirão ou delimitarão o objeto de estudo sobre o qual se pretende trabalhar. Para tanto, existem algumas questões que, ao serem respondidas, darão uma visão mais clara a respeito do assunto.

1. O que se quer saber?

Este é o ponto de partida para se definir um projeto pesquisa. É importante levantar questões em torno das razões ou justificativas que levam o proponente a escolher determinado assunto para trabalhar. Ele deve questionar-se sobre os interesses, motivos ou estímulos que o levam a querer saber mais sobre o tema que elege para pesquisar. Ao mesmo tempo, é preciso identificar com clareza o que se espera encontrar ou alcançar ao fim do trabalho. O modo mais indicado de fazê-lo é elaborar perguntas.

2. Qual é o problema?

Ao fazer perguntas, está-se problematizando aquilo que se pretende saber. Fazer perguntas implica em intuir as respostas, ou seja, implica em antecipar resultados, levantar possíveis respostas que poderão ser transformadas nas hipóteses do trabalho. Este procedimento, portanto, tende a dar bons frutos.

3. Qual é o tema do objeto de estudo?

O tema geral que a linha de pesquisa propõe é *Imagem e mídia*, cuja motivação é a possibilidade de descobrir os modos como se produzem os efeitos de sentido nas relações entre estas duas entidades: imagem e mídia. No entanto, em razão da amplitude do tema, é preciso reduzir sua abrangência para definir e delimitar melhor o objeto, tornando-o mais objetivo e sucinto. A linha de pesquisa funciona como uma espécie de projeto maior, do qual derivam projetos menores. Nesse sentido, o recorte intenciona reduzir a alguns poucos elementos o objeto de estudo, posto que as análises voltarão a expandi-lo novamente, desta feita, em profundidade.

4. Em qual campo teórico se enquadra o objeto?

O conhecimento é construído em diferentes campos do saber. A própria ciência assume diferentes recortes para existir. As chamadas ciências humanas partem do pressuposto de que o ser humano é o centro das atenções, e suas ações os fins ou os motivos para estudos. As ciências exatas, por sua vez, admitem certa independência dos fenômenos em relação aos seres humanos. Dessa forma, dependendo do enfoque, é possível desenvolver abordagens mais qualitativas ou mais quantitativas, respeitando as características e peculiaridades de cada grupo de ciências – humanas ou exatas.

De modo geral, a teoria é o aparato intelectual, a ordenação cognitiva, a relação de coerência entre os elementos ou os fatores por meio dos quais se descrevem ou se analisam as ocorrências sobre as quais o pesquisador se debruça para entender. No caso desta linha de pesquisa, que trata de abordagem humanística, é interessante definir em que campo o estudo está mais focado – se na história, na sociologia, na psicologia, na semiótica, na estética, na comunicação, etc. Enfim, qual o campo de estudo e que posicionamento teórico o proponente irá adotar para apoiá-lo na realização de seu trabalho de pesquisa.

5. Que etapas ou caminhos precisam ser percorridos?

Ao desenvolver uma investigação científica deve-se ter em mente que há um encadeamento de ações necessárias para a realização do trabalho. Assim, é preciso estabelecer em que seqüência essas ações serão desenvolvidas. A clareza com relação à ordem das ações é imprescindível para o sucesso do projeto. O processo de encadeamento das ações é chamado, grosso modo, de método ou metodologia. É a metodologia que ampara na identificação do que se deve fazer primeiro e do que se deve fazer na seqüência. Ela enumera e descreve como realizar cada uma das etapas necessárias ao projeto. Por meio dela, pode-se identificar os dados, fatos ou informações que se procura e como eles devem ser tratados, analisados e avaliados para que se obtenha o resultado esperado. Ela dirá qual é o percurso lógico ou prático a ser desenvolvido e norteará as melhores estratégias para realizá-lo.

6. Quanto tempo é necessário para o desenvolvimento do projeto?

Cada uma das etapas do projeto demanda um certo tempo para sua realização. A coleta de dados pode levar mais tempo que sua tabulação, interpretação e análise, ou vice-versa. É preciso entender que cada projeto tem um ritmo próprio e, em decorrência dessa peculiaridade, é importante estimar o período de tempo que o cumprimento de cada etapa demandará. É importante saber, ou prever com a maior proximidade possível, o tempo necessário para alinhar e sedimentar as idéias, conceitos e dados que serão explorados e expandidos com o estudo. Sabendo – ou estimando – a demanda de cada uma das etapas, é recomendável fazer um quadro com as datas-limite, mantendo uma pequena margem temporal de segurança. Esse quadro é conhecido como cronograma de atividades.

7. Que textos podem apoiar os estudos?

Ao longo da vida acadêmica, é comum o pesquisador ponderar a respeito do que lhe interessa saber. Nesse percurso, ele lê e avalia aquilo que mais lhe chama a atenção na área em que trabalha. De um modo ou de outro, permanece atento ao que gosta ou prioriza como

área de saber. Com isso, é possível ter uma visão muito próxima daquilo que mais lhe interessa e identificar algumas palavras que melhor descrevam seu interesse.

Para delimitar o campo teórico do trabalho e a literatura de apoio, o primeiro passo é identificar algumas idéias e conceitos próximos ao objeto de estudo. Também é importante selecionar algumas palavras que sintetizem o assunto (as chamadas palavras-chave) e, de posse dessas palavras, buscar em fontes de informação bibliográfica, nos catálogos, coletâneas de publicações nos bancos de dados de bibliotecas ou mesmo na internet, informações e sugestões sobre o material de auxílio para o desenvolvimento do trabalho.

É recomendável reunir todas essas informações e relacioná-las em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, escrever o título do livro ou artigo e as demais informações como local, editora e ano de publicação. Para agilizar a consulta, é interessante separar essas informações por área de conhecimento, procedimento que auxiliará o pesquisador na identificação dos textos inerentes ao desenvolvimento da pesquisa.

Considerações finais

Com estes procedimentos, o pesquisador trilhará um caminho seguro e objetivo para a consecução de suas metas, em busca da realização de seus trabalhos acadêmicos.

Tais parâmetros, recortes ou sugestões não excluem a possibilidade de outras abordagens, estudos e ensaios com relação ao campo das imagens, quer sejam fixas ou móveis, bi ou tridimensionais, impressas, projetadas ou virtuais.

Para os interessados em pesquisar na linha *Imagem e mídia*, torna-se imprescindível um contato preliminar com títulos de metodologia científica, mídia e fotografia. Alguns estão relacionados a seguir, mas, em razão da amplitude desse campo de pesquisa, muitos outros podem somar informações e abrir horizontes para infindáveis novas pesquisas.

Referências

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- CAMARGO, Isaac Antônio. **Reflexões sobre o pensamento fotográfico**: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino. 2. ed. Londrina: Eduel, 1999.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução por Marina Appenzeller. 3 ed. Campinas: Papirus, 1993.
- FABRIS, Annateresa. **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1991.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FONTCUBERTA, Joan. **Estética fotográfica**. Barcelona: Blume, 1984.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo: Edusp, 1993.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MACHADO, Arlindo. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p.317-325.

ROSENBLUM, Naomi. **A world history of photography**. New York: Abbeville, 1997.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos, 2000.